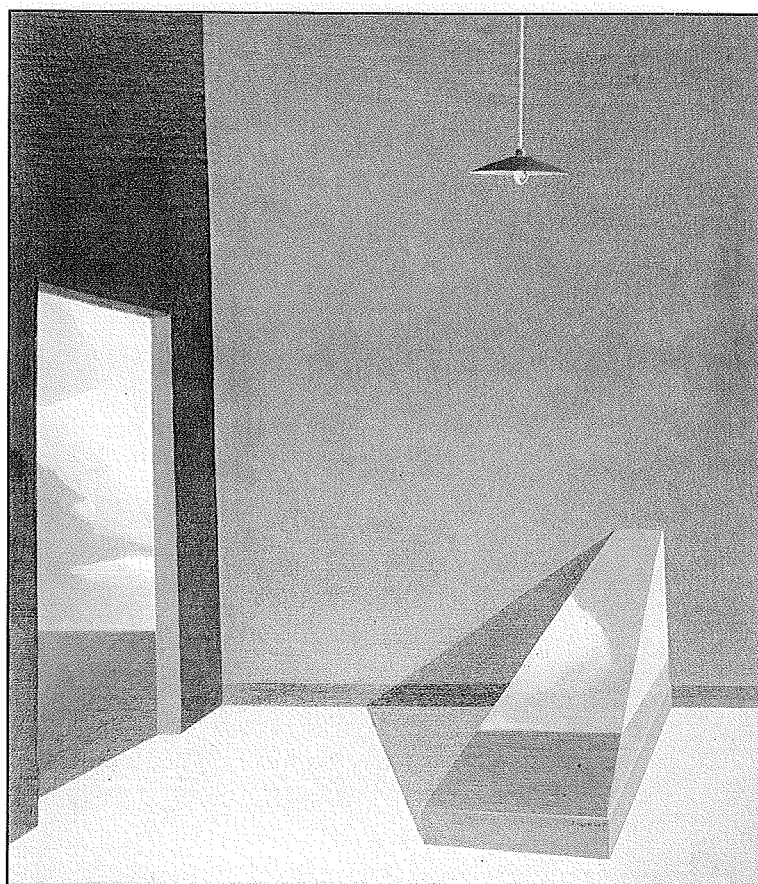


Caminhos do Pensamento

Estudos em homenagem ao
Professor José Enes



Edições Colibri
Universidade dos Açores

O ENCONTRO DE ANTERO COM S. FRANCISCO DE ASSIS: BREVES NOTAS SUBSIDIÁRIAS

Magda Eugénia da Costa Carvalho*

Cristão por inspiração íntima e católico por filiação institucional, a relevância da personalidade de S. Francisco de Assis estende-se para lá do domínio estritamente religioso. Profundamente pertencentes ao espírito do seu tempo, o pensamento e a obra do Santo de Assis assumem uma importância extrema na viragem social e espiritual a que a Idade Média assistiu por volta dos séculos XII e XIII. Tido por alguns dos mais importantes intérpretes medievalistas como o *inventor do sentimento medieval da natureza*¹, S. Francisco motivou fervorosas adesões à sua espiritualidade e, simultaneamente, assumiu grande relevância enquanto modelo e inspiração nas reflexões de escritores e espiritualistas ocidentais. A sua valorização da natureza, fruto do extravasamento óptico do ideal cristão de fraternidade, foi perfilhada pelos autores do século XIX, ávidos de uma reabilitação naturalista. Nomes como Chateaubriand e Lamartine, escritores da moderna França cristã e ambos adeptos do rousseauniano culto da natureza, aproximam as suas obras do encomiástico discurso franciscano face à obra de Deus, ainda que nem todos assumam na íntegra a perspectiva de S. Francisco. Mas não é apenas além-fronteiras que se verifica a importância da espiritualidade do *Poverello*.

Para além dos referidos escritores românticos franceses, que eram de resto bem conhecidos de Antero de Quental e da sua geração, também de entre os contemporâneos do poeta-filósofo açoreano se destacaram percursos próximos do franciscanismo, seja pela atitude existencial assumida, seja pelas temáticas e questões abordadas nas suas obras, como são os casos de Gomes Leal, João de Deus² ou Jaime de Magalhães Lima. Oliveira Martins, fiel companheiro do autor

* Universidade dos Açores.

¹ J. Le Goff, *S. Francisco de Assis*, Círculo de Leitores, Braga, 2001, p. 5.

² Estes e outros encontros entre S. Francisco e alguns poetas cristãos são apresentados na obra de A. Grieco, *S. Francisco de Assis e a Poesia Cristã*, Edições Livros do Brasil, Lisboa, s/d. Quanto ao aproveitamento do ideal franciscano pelo pensamento filosófico português contemporâneo, atenda-se a A. Quadros, *Memórias das Origens, Saudades do Futuro. Valores, Mitos, Arquétipos, Ideias*, capítulo I – 1: «S. Francisco. Ontem e Amanhã», Edições Europa-América, Mem Martins, 1992, pp. 21-30.

Caminhos do Pensamento – Estudos em Homenagem ao Professor José Enes, Lisboa, Edições Colibri/Universidade dos Açores, 2006, pp. 569-574.

dos *Sonetos*, cultivava também ele uma profunda e declarada admiração por S. Francisco, enquanto um dos *heróis do cristianismo*³. Para além disso, quando, em 1886, o autor de *O Helenismo e a Civilização Cristã* se ocupa da publicação de *Os Sonetos Completos*, ficando encarregue de prefaciá-la, não hesita na analogia: «Este homem [Antero] fundamentalmente bom, se tivesse vivido no século VI ou no século XIII, seria um dos companheiros de S. Bento ou de S. Francisco»⁴. Jaime de Magalhães Lima, por seu turno, fervoroso seguidor do *culto franciscanista* que, em 1908, dedica a S. Francisco uma longa obra intitulada *Servo e Menor – São Francisco de Assis e os seus evangelhos*, atesta, em diversas ocasiões, a contiguidade de Antero *aos lírios de Assis*⁵.

Impõe-se-nos, então, questionar: e o próprio Antero? Tem o seu pensamento afinidades assumidas com o ideal franciscano? Manifesta a sua obra alguma aproximação explícita com tal mundividência? Haverá correlação possível entre o poeta de *Na Mão de Deus* e o autor do *Cântico ao Irmão Sol*?

Por inúmeras vezes, Antero dá provas de um profundo conhecimento da espiritualidade franciscana, seja nas cartas em que pede ou acusa a recepção de obras do Santo⁶, seja nas epístolas onde discorre sobre o papel e a relevância do mesmo na história e no pensamento do mundo ocidental⁷. Na procura de vestígios da *fraternidade* e *sororidade* franciscanas para com a natureza, indigitamos dois específicos momentos poéticos onde o espírito de Antero exhibe uma profunda e interior afinidade cósmica, porventura próximas do franciscanismo: *Elogio da Morte e Redenção*. Detenhamo-nos brevemente na sua análise.

Ao celebrar o íntimo acordo com os elementos do todo natural, o autor do *Cântico das Criaturas* desenha uma via radical de aproximação não apenas às dimensões mais luminosas da existência, como sejam o Sol, a Lua ou as estrelas, como especialmente às mais sombrias. Disso é testemunha a declaração do *Cântico* onde o autor reconhece a irmandade face ao porventura mais dramático

³ Cf. O. Martins, Introdução a *O Helenismo e a Civilização Cristã*, em P. Calafate, introdução, selecção de textos, *Oliveira Martins*, Editorial Verbo, Lisboa/S.Paulo, 1990, p. 81.

⁴ O. Martins, «Prefácio» em A. de Quental, *Sonetos*, Ulmeiro, Lisboa, 1994, p. 32.

⁵ Cf. J. do Prado Coelho, «Jaime de Magalhães Lima e São Francisco de Assis», em A. Pereira, organização, *Francisco de Assis: 1182-1982. Testemunhos contemporâneos das letras portuguesas*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1982, pp. 179-182.

⁶ No *Catálogo da Livraria de Antero*, organização G. Fraga e F. Silveira, Biblioteca e Arquivo Público de Ponta Delgada, Ponta Delgada, 1991, p. 28, figura o volume *Francesco d'Ássis: studio*, com dedicatória de Tommaso Canizzaro, poeta italiano que traduziu *Os Sonetos Completos* e com quem Antero manteve contactos epistolares. Numa dessas cartas, figuram precisamente reflexões sobre a vida e obra de Francisco de Assis (cf. A. de Quental, *Cartas*, II, organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, Lisboa, 1989, pp. 786-787).

⁷ Ao referir-se-lhe como *homem incomparável e maravilhoso*, Antero evidencia claramente a profunda admiração que devotava a Francisco de Assis (cf. *Cartas*, II, p. 821).

aspecto existencial: *Louvado sejas, meu Senhor*, – roga Francisco – *por nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar*. Internado no profundo tormento físico dos estigmas aquando da composição dessa célebre prece, S. Francisco soleniza uma orientação espiritual de absoluto acolhimento, em alegria e simplicidade irradiantes, face a todos e a cada aspecto constitutivo das criaturas. Decorrente da condição humana, a finitude corporal reafirma, a cada momento, a imensidão e o poder do Criador: a cosmogonia franciscana transmuta a vasta panóplia natural numa imensa comunidade fraterna, conduzindo cada ser à Fonte única que é Deus. A fraternidade no mundo advém da Paternidade de Deus e, nesse sentido, tudo na natureza comunga de um mesmo carácter sagrado. Se tudo é sinal da bondade criadora de Deus, Francisco sente necessidade de louvar até as mais sombrias faces da realidade, irmãs que são da sua própria alma.

Antero, por seu turno, compôs, sob o título de «Elogio da Morte», um conjunto de seis sonetos em torno da mesma temática⁸, seguindo o comando epigráfico, de ascendência grega, segundo o qual *morrer é ser iniciado*. É no quarto soneto, originalmente intitulado «Ab æterno», que o sujeito poético, acordando de um enublado sono antigo, revela a identidade da *impassível companheira* que há já muito tempo contemplava:

«Filha do mesmo pai, já sei teu nome,
Morte, irmã coeterna da minha alma!»

A aproximação ao franciscanismo não é, obviamente, uma interpretação exclusiva, nem tão pouco consensual, sobretudo se atendermos à gradativa seqüência dos seis poemas, cujo último soneto substitui conceptualmente «morte» por «não-ser». O intuito de Antero não seria, com grande probabilidade, um tratamento cristão – ou sequer franciscano – do tema⁹, mas tal facto não invalida que se aposte no enriquecimento referencial da obra anterior. Além disso, o segundo dos acima mencionados momentos poéticos de afinidade franciscana fortalece, como a seguir veremos, a defesa deste enriquecimento exegetico.

Em Junho de 1882, Antero envia a Joaquim de Araújo um soneto intitulado «Pampsiquismo» que, quatros anos decorridos, figuraria n.º *Os Sonetos Completos* já sem esse título e como a primeira composição do díptico «Redenção». Nele, o autor celebra, num doloroso lamento, a íntima afinidade entre a alma do poeta e o crepuscular verbo dos entes naturais. Embora tendo sido publicado

⁸ Sobre os títulos originais de cada uma dessas composições, veja-se a nota de Ana Maria Almeida Martins à carta de Antero a J. Lobo de Moura, de Julho/Agosto de 1873, em *Cartas*, I, p. 214.

⁹ António Sérgio, por exemplo, considera que «Elogio da Morte» consiste no tratamento poético sobre a forma hegeliana de exprimir o Absoluto (cf. A. Sérgio, edição, prefácio e notas, a A. de Quental, *Sonetos*, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1984, pp. 154-162).

com uma nova face, ao fazer cair o original título do soneto, Antero permanece em tudo fiel à primeira intuição:

«E eu compreendo vossa língua estranha,
Vozes do mar, da selva, da montanha...
Almas irmãs da minha, almas cativas!»

Com o verso que, anos mais tarde, daria o mote a uma obra poética do seu conterrâneo Roberto de Mesquita, e ainda que despido da pueril alegria com que S. Francisco revestia a sua aproximação à natureza, Antero parece não se encontrar longe da mundividência de Assis. Da mesma forma parece ter pensado Carolina Michaëlis de Vasconcelos, vulto da cultura portuguesa da segunda metade do século XIX e correspondente de Antero, tendo-lhe o autor de *Redenção* respondido, como provavelmente nos responderia também:

«Conheço, com efeito, o chamado Hino ao Sol do maravilhoso poverello de Assis [...]; mas, com tudo isso, a concordância que V. Ex.^a encontrou não pode ser senão fortuita, ou antes filha dum estado de sentimento análogo ao daquele[s] grande[s] místico[s]. Justamente aqueles dois sonetos (Redenção), juntos com outro (Contemplação), representam em forma de imagem e sentimentalmente uma das ideias fundamentais da compreensão das coisas, a que cheguei e em que fiquei e que espero ainda desenvolver em prosa e com o rigor da exposição filosófica. Parece-me por isso pouco provável que, compondo-os, tivesse presente ao espírito outra coisa além do meu próprio pensamento, no qual andava por esse tempo não só absorvido mas quase abismado»¹⁰.

A bem da justiça, e da justeza, destas breves notas, cumpre ainda alertar para um outro aspecto das considerações tecidas por Antero, desta feita em registo explícito, em torno da personalidade de S. Francisco de Assis. As afirmações epistolares a Tommaso Canizzaro, a 05 de Setembro de 1886 – acerca do paradoxo que sobressaía da inclusão de S. Francisco na espiritualidade cristã, assinalando o carácter específico e diferenciado do Santo face à restante ortodoxia hagiográfica – resultam em mais uma prova da atenção e admiração anteriores pela radicalidade que anima a obra de S. Francisco. Ouçamos Antero:

«Considero-o [S. Francisco] como o primeiro dos precursores do espírito moderno, digo, o espírito moderno como representado por Bruno, Schelling e Hartmann, do Panteísmo espiritualista. Neste ponto de vista haveria um paradoxo (no fundo nada paradoxal) a desenvolver, que S. Francisco de Assis não fora cristão; e a fazer sobressair o contraste entre a sua concepção do mundo e da vida, toda ela dum optimismo poético e panteísta, e a trágica

¹⁰ Carta de 25 de Outubro de 1886, em *Cartas*, II, p. 795.

«... e sombria concepção pessimista da Igreja, de um mundo radicalmente mau e condenado por Deus»¹¹.

Para o poeta-filósofo, do ponto de vista global da perspectiva medieval, S. Francisco jamais poderia perfilhar o credo cristão, ainda que se julgasse cristão, uma vez que a sua pregação ia de encontro a uma experiência intimista que acentuava, de forma otimista, o valor incontestável da dimensão natural da existência no caminho que conduz das criaturas ao Criador. Antero é especialmente sensível à leitura franciscana da natureza como vestígio divino e à prática de uma contemplação que necessariamente desvenda o Universo enquanto caminho para o Ser Supremo. Em termos da concretização da noção de *Deus*, isso representava um claro sinal da harmoniosa fusão entre espírito e natureza, numa mundividência que inevitavelmente trazia já impresso o cunho da modernidade. Na pregação de S. Francisco, Antero considerava fundamental a imagem de uma natureza que, descentrada, não retinha o princípio de uma total autonomia e que, como tal, se enraizava no plano metafísico. Já em 1875, Antero encontrava no *Poverello* um misticismo de tipo exaltado, ardente e até mesmo *sensual*, e notava o contraste entre este carácter e a ortodoxia cristã, de fisionomia serena e circunspecta¹². Como arauto das filosofias modernas, a seu ver, Francisco filiava-se nas concepções não-dualistas e não-mecanicistas do mundo natural, e cerrava fileiras ao lado de nomes como Giordano Bruno e Friedrich Schelling. O panteísmo espiritualista de São Francisco inovava por aproximar a dimensão espiritual da vida aos meandros telúricos da realidade, ao contrário da atitude institucional da Igreja que primava pelo afastamento face a uma celebração positiva do Universo. Assim sendo, aos olhos de Antero, S. Francisco celebrava Deus na natureza, ao invés de O enclausurar em limites infecundos e desajustados de templos e rituais religiosos.

Poderíamos ainda, se porventura quiséssemos levar esta análise a um maior apuramento hermenêutico, aproximar noutro ponto os dois espíritos. Num texto cuja autenticidade e autoria não levantam aos estudiosos qualquer dúvida, S. Francisco compôs, em torno da temática do despojamento e da pobreza interior, uma *Saudação às Virtudes*. Como condição *sine qua non* para a aquisição e manutenção desses dons de Deus, o texto deixa indelevelmente escrito: «Não há ninguém no mundo que logre possuir qualquer de vós, se primeiro não morreu para si próprio.» Nesse sentido, se atentarmos nas palavras de Antero, curiosamente também por alguns amigos íntimos apelidado de «santo», quando, no termo das *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*, se refere à final concretização do evolucionismo universal, tornam-se-nos irrecusáveis algumas ressonâncias franciscanas. Antero considera que a virtude, definida como *a mais alta realidade cósmica*, consiste precisamente na renúncia a todo o

¹¹ *Cartas*, II, p. 786.

¹² Cf. a carta a Oliveira Martins, de fins de Agosto de 1875, em *Cartas*, I, p. 312.

egoísmo, na morte para o *ego*, na rejeição do princípio de individuação que particulariza, circunscreve e mutila o homem, em prol de uma perspectiva trans-individual ou absoluta. Segundo a sua perspectiva, esta perfeita forma de virtude é obra exclusiva do homem capaz do mais alto grau de ascese, da mais elevada forma de pobreza enaltecida por Francisco: o despojamento interior. Só quem renuncia à escravidão do particular e escolhe a dádiva incondicional a *todos os seres*, verdadeiramente conquista a liberdade, a perfeição, a beatitude, e assim concretiza o fim último do Universo, ou seja, o Bem. Antero apelida esse homem de *santo*, o que nos augura que o *Poverello* talvez não estivesse longe do exemplar modo de vida concebido pelo açoriano.

Concordância casual ou influência premeditada, a aproximação entre o pensamento anteriano e o espírito franciscano que aqui ensaiamos não deixa de apresentar afinidades e analogias de alguma credibilidade filosófica, especialmente se defendermos, com Ruy Galvão de Carvalho, que *as repercussões estranhas que nós notamos na obra de Antero são mais encontros do que propriamente influências directas*¹³. Justifica-se, com a afirmação desse grande anterianista, a paráfrase no título que escolhemos para estas breves reflexões. Mas, se ainda se pretender sustentar a inconsistência da aproximação entre os dois espíritos durante a existência de Antero, lembre-se que, ao menos simbolicamente, se encontraram ambos no momento em que o desditoso poeta pôs termo à vida: ancorado ao mural da Esperança, foi no dia 11 de Setembro de 1891, pouco passando das 20 horas, que dois graves e fatais tiros de revólver ressoaram sobre o Campo de S. Francisco.

¹³ R. G. de Carvalho, *Antero de Quental. Ensaio*, Ed. Álvaro Pinto ('O Ocidente'), Lisboa, 1950, p. 88.